



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANTONIO AUGUSTO SILVA DA FONTOURA (2)**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-697

**Entrevistado:** Antonio Augusto da Fontoura

**Nascimento:** 21/10/1950

**Local da entrevista:** Ginásio Osmar Fortes Barcellos (Tesourinha)

**Entrevistador:** Alexandre Luz Alves

**Data da entrevista:** 25/05/2016

**Transcrição:** Alexandre Luz Alves

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Pesquisa:** Alexandre Luz Alves

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 36 minutos

**Páginas Digitadas:** 8 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Relato de viagem ao Japão; Cidade de Tóquio; Cidade de Hirosaki; Escola de judô Kodokan; Atuação como treinador; Arbitragem; Rotina de treinos; Competições no Japão; Diferenças percebidas entre o Judô brasileiro e japonês; Experiência da viagem e seus reflexos no judô gaúcho.

Porto Alegre, 25 de maio de 2016. Entrevista com Antonio Augusto da Fontoura a cargo do pesquisador Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Ola professor. Gostaria que o senhor comentasse sobre sua a motivação para ir ao Japão e como foi esse processo?

A.F. – O Japão é o sonho de todo judoca que se dedica e consegue chegar à faixa preta; é o sonho de conhecer o berço do judô. Graças a Deus que eu consegui por duas coisas que aconteceram comigo: uma, por eu ter ido para o lado da arbitragem e consegui o título de árbitro internacional e para ir para essa competição no Japão tinha que ter... Como se diz? Tinha de ser árbitro internacional, então, eu tinha esse pré-requisito e outro por que durante muito tempo eu fui técnico da seleção do Rio Grande do Sul. Nessa ida ao Japão, para essa competição escolar, um dos alunos que eu tinha foi junto e isso também abriu a oportunidade de treinar e de aprender, não só na Kodokan<sup>1</sup>, no centro de excelência do judô no mundo que é a Kodokan, mas também fazer um treinamento na cidade de Hirosaki<sup>2</sup>, a oitocentos quilômetros de Tóquio, onde a gente também teve uma competição, só que ela foi mais regional. Antes dessas competições a gente tinha treinamento com as seleções do Japão a nível juvenil e júnior, com os grandes professores. Também tivemos a oportunidade, naquela época, de assistir ao Campeonato Japonês, que é um evento tradicional no Japão, muito concorrido. Ele é absoluto, ele é disputado de pesos médios para cima, isso não quer dizer que não tenha atletas com menos peso, é muito interessante por que eles se equiparam mesmo com a diferença de peso. A gente teve a oportunidade de ir no ginásio onde aconteceu a primeira Olimpíada, onde o judô foi incluído, foi em Tóquio e agente teve a oportunidade de conhecer esse ginásio e conhecer os grandes atletas do momento do judô japonês. Isso como bagagem de conhecimento de experiência e de ter vivenciado a cultura japonesa, porque a cultura japonesa é uma cultura que, tem gente que não gosta, mas eu digo sem medo nenhum que, na época que eu estive lá, a impressão que eu tive é de que eles estão cem anos na nossa frente. Tudo que diz respeito, não só em qualidade de vida, da forma de viver, o que ele conseguiram se desenvolver, mesmo tendo passado por duas guerras. Ter o amargo sabor de ter sofrido o primeiro experimento

---

<sup>1</sup> Escola fundada por Jigoro Kano, em 1882.

<sup>2</sup> Cidade japonesa da província de Aomori.

atômico, aquilo parece que deu uma lição de vida incrível para eles. Ao invés de afundar, eles cresceram mais, passaram a ser a potência, uma das primeiras potências do mundo no que diz respeito a parte industrial, desenvolvimento científico, tecnológico, tudo. De uma tragédia, eles buscaram uma luz e isso a gente percebe... E a educação deles, eu tive a oportunidade de ver as crianças, antes de começar a aula, limpando a sala. E todo aluno, quando o professor entrava na sala, eles levantavam, baixavam a cabeça. O Japão é o que é em função da educação e o judô se inclui nisso. Eu agradeço muito a Deus por ter tido essa oportunidade de conviver com eles, de aprender com eles, de ter feito esses cursos, entre aspas, muito rápidos, mas de muita valia. Isso me ajudou muito na minha vida, porque na época eu tinha vinte e oito anos, estava na flor do meu desenvolvimento como profissional, como professor e isso contribuiu muito. Eu acho que isso ajudou o judô do Rio Grande do Sul, com a experiência que o Professor Francisco<sup>3</sup> teve também. Ele foi o primeiro professor nosso que foi para o Japão, depois o Alexandre<sup>4</sup>...

A.A. – A ida do Professor Francisco ao Japão te influenciou de alguma forma? A ida de outros professores antes de ti te influenciou?

A.F. – O Chico sim, porque o Professor Francisco, nós éramos adversários de peso, a gente lutava na mesma categoria. Naquela época, a gente treinava junto e quando ele foi para o Japão ele trouxe muita coisa também, uma bagagem muito grande, não só na parte de atleta, mas também para ser um bom professor. Isso que motivou a gente a tentar, de qualquer forma, ir ao Japão para também ter a oportunidade de trazer isso. Eu vejo que o Brasil teve esse grande legado, porque os japoneses sempre gostaram dos brasileiros e sempre tiveram um entendimento que o judô brasileiro era um judô extremamente parecido com o judô japonês. Um judô técnico, um judô que primava pela técnica e não pela força, pela qualidade técnica. E isso fez com que o judô brasileiro hoje seja o que é, ou seja, referência no Japão. Tanto é que os grandes campeões, tanto mundiais, como olímpicos, começando pelo Aurélio Miguel<sup>5</sup>... Claro que teve o Chiaki Ishii<sup>6</sup> antes, mas ele era japonês naturalizado, ele que abriu essa gama de medalhas que depois o Brasil veio a conquistar ao longo desses anos e continua conquistando. Eu acho que tudo isso se deve a

---

<sup>3</sup> Francisco Xavier de Vargas Neto.

<sup>4</sup> Alexandre Velly Nunes.

<sup>5</sup> Aurélio Fernández Miguel.

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.

ida desses atletas e dos nossos professores ao Japão fazer estágio, fazer treinamento e ver como se busca a disciplina espiritual para vencer todos os obstáculos. Não só como um bom lutador, mas um bom cidadão, uma pessoa do bem. Uma coisa que eu gosto de dizer, o japonês usa muito isso, a gente tem que lutar para se aperfeiçoar e não se aperfeiçoar para lutar, isso para mim é o maior ensinamento que o judô nos dá. Nós devemos nos aprimorar como ser humano e a luta corporal, dentro das regras, eu acho que é fundamental para o ser humano. Por isso o valor do judô, mesmo ele tendo ido para o lado da competição, ele não deixou ainda aquela parte filosófica e espiritual. Basicamente é isso que eu posso te dizer acerca do que representou a minha ida ao Japão. Para acrescentar, isso também me abriu outras portas, eu fui arbitrar na Europa, vi a escola europeia, fui arbitrar nos Estados Unidos, vi também a escola deles. Arbitrei aqui na América do Sul, na Argentina, na Venezuela, na Bolívia, enfim e consegui ver esse diferencial. Isso foi muito bom, crescimento como ser humano, como pessoa, eu sou um cara feliz, porque eu consegui conhecer essas culturas.

A.A. – Voltando um pouco sobre o que tu comentou acerca da viagem e ter dividido essa experiência com um aluno teu, como é o nome desse atleta?

A.F. – Patrick Dorneles <sup>7</sup>.

A.A. – Ele participou das competições?

A.F. – Ele participou da competição de Hirosaki. Foi interessante, porque a equipe brasileira ficou em segundo lugar, o que foi mais festejado lá do que os próprios japoneses... A gente venceu a equipe japonesa, o que ficou marcado neles. Isso fez com que a equipe japonesa fosse campeã do torneio, porque... Vê como a humildade nos ensina, nós ganhamos da equipe japonesa e perdemos para a equipe do Canadá, a equipe japonesa venceu a equipe do Canadá e eles foram campeões. Perdemos para o Canadá e ficamos em segundo lugar, para tu ver que o judô não é vencer o melhor, a gente venceu entre aspas a equipe favorita e fomos perder para a equipe que não era favorita. Ficou Japão em primeiro, Brasil segundo, Canadá em terceiro, isso foi muito interessante. Saímos e fomos para Hirosaki, teve outra competição com o pessoal daquela zona também...

A.A. – Era uma competição regional? Era um torneio?

A.F. – Em Hirosaki era um torneio regional, porque os japoneses quiseram aproveitar essas seleções que foram para lá para eles também aprenderem. Eles não só ensinam, eles também aprendem, fazem questão que várias escolas do mundo... Mesmo o judô sendo o mesmo, ele é visto de maneiras diferentes, formas de treinamento, preparação física, cada país tem uma escola diferente, mas sempre baseado nos princípios japoneses. Os japoneses foram aprender também, porque teve épocas que eles começaram a perder: “Alguma coisa está errada!”. Então eles também foram procurar as escolas que estavam vencendo, para tirar alguma coisa para melhorar o judô deles, isso eu acho de profunda humildade. Os criadores do judô foram aprender fora para que o judô deles melhorasse e se aperfeiçoasse mais. Lá o Patrick lutou, foi uma competição que o Brasil ficou em segundo lugar, porque a equipe japonesa nos venceu, nos deu o troco vamos dizer assim, foi muito legal.

A.A. – Me fala sobre o panorama do judô no Rio Grande do Sul antes da viagem e o que modificou após o teu retorno.

A.F. – Olha, o nosso judô já estava evoluindo e eu acho que essa ida, não só minha, como do Francisco e depois do Ricardo Borges<sup>8</sup>, do Mário Duarte<sup>9</sup>, que também era aluno meu. O Borges era aluno do Francisco, eles também tiveram oportunidade... A partir dali, a nossa escola melhorou muito, tanto é que na época tinha o campeonato chamado Beneméritos do Judô do Brasil e nós começamos a ganhar. O berço do judô no Brasil era São Paulo, até em função da colonização japonesa...

A.A. – Tu diz que essas vitórias começaram antes da ida ou após a ida?

A.F. – Após a nossa ida, nós começamos a vencer essas competições. Eu acho que era reflexo, não só da parte de motivação, mas de acreditar que o nosso judô podia ser tão bom quanto o deles e isso foi fundamental. Mudou nossa visão de judô regional, para um judô mais a nível nacional, passar a fazer campeões nacionais e isso é importante. Começou um

---

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação.

crescimento que até agora não parou, teve o João Derly<sup>10</sup>, campeão mundial, depois veio a Mayra<sup>11</sup>, agora tem outra menina. Outros judocas de São Paulo, Rio [de Janeiro] estão vindo para Porto Alegre para ter um treinamento de altíssimo nível, com os nossos atletas, os nossos professores. Eu acho que tudo isso, a nossa ida para o Japão, contribuiu para que o nosso judô chegasse nesse nível, títulos nacionais e internacionais.

A.A. – Quais as principais dificuldades enfrentadas em sua estadia? E quanto tempo tu ficou no Japão?

A.F. – Ficamos no Japão quarenta dias, não tenho certeza, em torno de quarenta dias. Nós não tivemos dificuldades, porque o pai de um aluno meu financiou a minha viagem para lá. E esse mesmo pai, mais tarde, me proporcionou continuar participando dessas competições internacionais como árbitro, foi muito bom. Eu não tive grandes dificuldades. Eu acho até que foi fruto do meu trabalho, desse pai ter valorizado, desses pais, porque teve outras ocasiões que outros pais também me ajudaram, para que eu pudesse participar desses eventos. Com o entendimento que eu ia trazer frutos para melhorar a nossa juventude, conseqüentemente os filhos deles. Ajudar a melhorar o judô como um todo, foi isso que aconteceu.

A.A. – Comente sobre o local que você ficou hospedado, local de treinamento, rotina de treinos e as competições.

A.F. – A gente ficou hospedado em um hotel, acho que no Japão não existe hotel com menos de cinco estrelas, muito bom hotel. Pela manhã, nós fazíamos uma preparação física e a tarde, nós íamos para a Kodokan, onde se treinava. Isso aconteceu durante uma semana, final de semana teve uma competição. Interessante que nesse treinamento que nós tivemos com os professores japoneses, todas as equipes participavam juntos, todos lutavam contra todos para todos se conhecerem. Foi uma integração muito legal, não só de cultura como de língua, a gente se comunicar... E isso no judô é interessante, porque a língua do judô é universal. Tinha essa rotina e também tivemos no sábado um passeio para conhecer Tóquio, conhecer as praças, conhecer os templos... Por que eles cultuam muito lá o

---

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>10</sup> João Derly de Oliveira Nunes.



budismo. Isso é muito interessante, eles nos levaram para conhecer o trem bala, de Tóquio para Hirosaki, o que naquela época era novidade, a gente nem imaginava. Os japoneses sabem organizar muito bem, eles procuram fazer com que tu sejas envolvido, não só parte esportiva, parte cultural, parte espiritual, a parte de desenvolvimento, tudo a gente teve oportunidade de ver, isso foi muito interessante.

A.A – Tu comentou que conheceu a Kodokan, pode relatar essa experiência de chegar ao local que é, de certa forma, o berço do judô. Onde tudo começou, onde Jigoro Kano<sup>12</sup> promoveu a sua proposta... Como foi entrar na Kodokan? Como foi conhecer a Kodokan?

A.F. – A expectativa foi muito grande, tanto é que a gente não sabia o que ia fazer no primeiro momento, se a gente tirava uma fotografia com a estátua de Jigoro Kano, que tem na entrada da Kodokan, se entrava direto na Kodokan.. Nós ficamos meio dispersos, porque estávamos nervosos de ter conseguido chegar ali. Tirar fotografia, depois ir ao vestiário, colocar o quimono e já entrar nas quatro áreas. É um negócio sensacional treinar ali, fazer o aquecimento dado pelo professor do Japão...

A.A. – Quantas pessoas treinando?

A.F. – Acho que tinha mais de cento e vinte treinando ao mesmo tempo no tatame. São quatro áreas oficiais juntas, um salão muito grande, é um ginásio. Tem as arquibancadas na parte de cima, muito interessante. Tu fica deslumbrado, porque é algo assim... Depois, quando nós fomos para o ginásio, onde foi a competição, o ginásio parecia um barco. Absolutamente diferente, ele foi construído para Olimpíada, aquilo também nos deixou pasmo, de ver uma cultura milenar... Fantástico, a palavra certa é fantástico.

A.A. – Relate as diferenças sobre o judô japonês e o judô brasileiro. O que você conseguiu trazer e conseguiu aplicar de forma prática aqui no estado, no sentido técnico. O que tu tinha antes como referência do judô japonês durante essa viagem, compara com o judô brasileiro e o que tu conseguiu trazer e aplicar aqui?

---

<sup>11</sup> Mayra Aguiar da Silva.

<sup>12</sup> Fundador do Judô.

A.F. – Eu acho que tecnicamente... O nosso judô brasileiro é muito semelhante ao judô japonês. As diferenças para mim, no que diz respeito à disciplina, o respeito e a forma que eles treinam. O brasileiro não gosta, vamos dizer assim de cair, o japonês treina muito solto, ele procura aperfeiçoar a técnica, aplicando ela tantas vezes quantas for necessário, independente de... Ele tentou cem vezes e conseguiu uma, as outras não deu certo, ele continua aquela perseverança, isso me chamou muito atenção...

A.A. – São obstinados.

A.F. – São muito obstinados, em função da parte cultural deles e da disciplina. A disciplina te chama a atenção, o baixar a cabeça, o respeito... Isso foi uma coisa que eu trouxe para mim e tentei passar para os meus alunos. Essa é a grande diferença do judô deles para o judô brasileiro. Tanto é que lá a valorização de uma medalha olímpica é quase natural para eles, para nós é uma grande conquista. Eles sabem que da forma como estão fazendo, eles vão alcançar o objetivo e o objetivo deles não é ser campeão, é chegar na final, ser segundo ou apenas participar. É uma a forma de ver as coisas e isso me chamou muita atenção. Isso contribuiu para minha bagagem, como professor.

A.A. – Não foi necessariamente um aporte de técnicas que tu trouxe de lá, foi muito mais a metodologia de ensino, a disciplina...

A.F. – Exatamente, isso que faz a diferença, não só do judô deles como de todas as coisas, tudo tem a mesma disciplina. E uma coisa eu posso dizer que é fundamental, é a educação, sem educação não se vai a lugar nenhum. E isso o Japão prova e vai continuar provando, porque eles nunca mudaram. Recentemente eles passaram por aquele tsunami e, um mês depois, a cidade já estava com as estradas recuperadas, já tinha evacuado todo mundo. E só tinha morrido um número, em relação ao desastre, muito pequeno. Se fosse em outro país... Isso por conta da organização e da disciplina. “O policial diz: ‘O senhor não pode fazer isso’. O cara baixa a cabeça, inclusive pede desculpa”. Aqui isso não acontece ainda. Quem sabe em um futuro, tomara que seja próximo, as pessoas valorizem a educação. O Japão é o que é pela educação, pela disciplina e pelo respeito, principalmente. O respeito ao velho, o velho é como se fosse um ídolo para o jovem, porque o velho tem experiência, tem a sabedoria, tem a paciência e tem o respeito que o jovem tem que aprender. O jovem

valoriza o velho, porque ele sabe que o velho só tem a ensinar, que é o espelho para ele ser um adulto bom, um ser humano bom, então isso eu também acredito.

A.A. – Tem alguma coisa dessa estadia no Japão que eu não perguntei e tu queira deixar relatado para nós?

A.F. – O que eu me propus quando fui para lá, foi isso que eu falei para você. Nada me deslumbrou mais do que essa parte de educação, parte filosófica, parte de respeito, força de vontade, de acreditar que as coisas podem ser feitas e que o ser humano pode crescer sempre. Independente de idade, de problema físico, de saúde, ele pode crescer, é só ele querer, foi isso que eu trouxe. Não trouxe coisas materiais, a não ser um quimono e um aparelho de escutar música. Um quimono e uma faixa, que eu acho que é o simbolismo de tu ter ido para o Japão. Ter um quimono japonês, uma faixa japonesa, escrito em japonês, trazidos lá do berço, onde nasceu o judô e que educou. Eu acho que é isso, Alexandre<sup>13</sup>.

A.A. – Muito obrigado, mais uma vez, o Centro de Memória do Esporte agradece o teu depoimento.

A.F. – Eu fico muito lisonjeado com essa procura de vocês pela minha pessoa e poder ajudar vocês a serem o nosso futuro.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>13</sup> Alexandre Luz Alves